

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

Director—ANTONIO SALLES.

AMOR E TRABALHO

Grande—SABINO BAPTISTA

ANNO II

Fortaleza, 30 de Maio de 1895.

NUM. 17



Homenagem

A' MEMORIA

DE

AUGUSTO XAVIER DE CASTRO

NO 30: DIA DO SEU PASSAMENTO

X. DE CASTRO

A *Republica* vêm também por sua vez trazer o seu preito de homenagem e memoria de Xavier de Castro, morto inesperadamente em plena efflorescencia varonil, deixando-nos um auleo profundo de saudade pelo que já havia feito e pelo muito que prometia fazer em favor das boas letras.

Era um poeta, no verdadeiro e genuino sentido da palavra. Encantava pela simplicidade e naturalidade de seus versos, que mellifluam, sem esforço de rythmo e por entre mil combinações colorantes, de sua penna inspirada ou antes amestrada pincel de *chronos*.

Xavier de Castro não se extinguiu, é certo, porque as suas produções poeticas ali permanecem inteiras, e n'ellas vemos e palpamos a sua individualidade; o seu *eu* artistico.

A morte não é invencível, é dominada pela historia.

Xavier de Castro lutou apenas para a historia das nossas letras, mostrando-se digno d'ella.

Nada mais.

Só resta agora que os seus *Chronos* affrontem o grande *Krinos*, o devorador supremo.

AUGUSTO X. DE CASTRO

A morte pouco a pouco vai cortando as vergontenas fortes e saudias da exuberante arvore que constitue a mocidade talentosa do Ceará.

Tem sido grande a messe da fatalidade n'esta terra—pesando fatidamente sobre o destino da geração dos novos, dos que produzem na republica das letras.

Xavier de Castro — o mallogrado moço foi o ultimo eleito da morte.

Poeta de raça, fecundo e brilhante aqui ninguém o excedia no genero facetado, delicado e gracioso dos—*Chronos*.

Quanta naturalidade, vida e colorido nos seus versos!

Sua morte deixa um claro que não se preencherá facilmente.

Representantes da imprensa em cujas paginas elle doixou fragmentos doloridos de seu grande coração e lampejos de um espirito esclarecido e sempre dourado pelo esplendor nascente do grande sol que abraça os celestos das musas—nós humildes obreiros do pensamento—associamo-nos na fraternidade da lagrima e da saudade—á moridade que hoje pranteia o companheiro que deixou á margem da estrada da vida o seu bastão de peregrino ao lado da lyra que também o chora.

DIARIO DO CEARÁ.

Augusto Xavier de Castro

Filho legitimo de José Xavier de Castro e Silva e D. Antonia Josephina de Castro, nasceu nesta cidade a 30 de Janeiro de 1858. A pobreza de seus paes, que já era um embaraço nos estudos, para os quaes manifestava

notavel aptidão, veio chamal-o muito cedo ao cuidado de prover a subsistencia, não lhe permitindo mais do que um preparo elemental, apenas sufficiente para o habilitar a uma collocação no commercio ou no functionalismo.

Em fins de dezembro de 1878 foi admitido como collaborador na secretaria do governo, não nos sendo possível, apesar de todas as pesquisas, saber a data do acto que lhe deu tal collocação.

Mais tarde, submettendo-se a concurso, obteve o lugar de praticante no thesouro provincial, entrando a exercê-lo no dia 1 de setembro de 1879.

Nomeado 3.º escriptuario em 25 de janeiro de 1880, 2.º a 9 de março de 1881, 1.º a 15 de outubro de 1889 e director de Secção a 28 de setembro de 1891, percorreu assim todos os graus hierarchicos na repartição; cabendo-lhe ainda ultimamente substituir por vezes o director geral da Secretaria.

Releva mencionar que todos esses accessos Xavier de Castro os obteve pelo seu merecimento proprio e sob administrações de varios matizes politicos, pois nunca se affieçoára estreitamente a esta ou aquella facção partidaria para lhe prestar incondicionalmente sua adhesão.

A estima que mereceu a todos os seus chefes e collegas, dizem-na do sobra e pesar profundo que sua morte despertou e o facto de não ter deixado um desaffecto.

O seu character, a sua indole eram de um homem forte, para quem as luctas da vida são cousa muito séria mas que acha para enfrentar-as o apoio de uma vontade firme e de um espirito bem equilibrado. Elle tinha sempre no rosto e nos labios a alegria vã de quem cumpre o seu dever e presume em si forças para o cumprir em qualquer emergencia.

Seu humor fino e prompto, apauhadno com uma rara facilidade o lado comico das cousas fazia-se notar principalmente pela delicadeza, nunca ferindo, nunca offendendo.

Diziam seus amigos que X. de Castro com um gracejo, seduzia e captivava a propria victima do gracejo.

Esse humor, que se lhe notava na palestra manifestou-se tambem cedo nas suas composições poeticas. Foram as suas peças humoristicas que primeiro o revelaram como poeta.

Mais tarde elle atronou ao publico algumas composições lyricas de um cunho mais subjectivo, as quaes, embora não sejam mediocres nada lhe acrescentaram a reputação; pois as poesias humoristicas lhe haviam demandado

Com. et. imp. de Sousa e Silva, Fortaleza.

torçando mais firme e os *Chronos* que elle compunha e ia de tempo em tempos corrigindo e melhorando, bastariam por si só para sagrar um poeta cheio de originalidade que allava em suas com osições um humorismo estillante a um espirito lucidamente observador e uma delicada sensibilidade.

Pouco a pouco os diferentes aspectos da vida cearenses iam sendo apauhadno nos *Chronos* com uma rara fidelidade e si a morte o não viesse colher tão cedo a colleção viria a ser um kahidoscopio eminente poetico dos nossos costumes.

Um dos maiores merecimentos do nosso poeta foi não ter se deixado impulsionar por formulas litterarias mais ou menos em moda e ter tido força para conservar a sua individualidade artistica.

Morreu para a esposa e filhos, morreu para os que o amaram como nós, hoje privados da sua efflorescencia e athena palestra, do conforto que difundia seu grande coração e sentimento tão brilhante quão modesto.

Mas nas letras patrias começa agora para elle a immortalidade.

A' memoria de Xavier de Castro

ADEUS!

*Adeus! trocar gemente
De lyra em punho a cantar,
Ora alegre ora dolente,
Como um suspiro do Mar...
Adeus, ah! lyra innocente,
Que a Morte vem de quebrar!*

*Porque coando tão cedo
As paragens luminosas,
Que são da vida o degrado
Lá nesses mundos do Além?*

*Aqui, as aces, as rosas,
Suspiram por ti também!*

*Choram, tristes, com delirio,
Da dor entre os mil assomos,
Porque o Bardo dos «Chronos»
Emmudeceu duma vez:
Porque, coando pro Eempyrio,
Apenas lhes disse—Adeus!*

*Adeus, sim! alma ditosa,
Que a Morte levou tão cedo!
Que li, na Mansão radiosa
A tua lyra sem par,
Aprende o doce segredo,
Do mais divino cantar!*

*Adeus! trocar gemente,
De lyra em punho a cantar,
Adeus! ah! lyra innocente,
Que a Morte vem de quebrar!*

Mar. 95.

LOBES FILHO

(Anatolia-Gaceta)

Ingá, 10 de Maio de 1895.

Queridos collegas.

Brusca, atordoante, terrível, aqui chegou-nos a noticia da morte do nosso presadissimo camarada X. de Castro.

A morte deste alegre e travesso abilhador de septissyllabos claros e sonoros foi rapida como a dos passarios que cabem varados por uma bala em meio de um trinado.

No primeiro momento afatal nuvem agitou-se nos um desses sonhos que enlutam o somno, uma dessas cousas tragicas, que a imaginação inconsciente se apraz em desenrolar sobre nossa alma, prolongando as torturas da vida consentida.

Pobre amigo! Como nos custa a crer que a muralha formidavel do tumulo, que a sombra estupenda da eternidade ja separem de nós o feitiço burlador dos *Chronos*, o sentillante espirito que com uma luz tão viva e tão jovial illuminava as nossas sessões, dando á palestra a nota incisiva do seu temperamento bohemio!

Ah! vocês devem avilhar bem quão triste e imprezível é o claro que se abre em nosso gremio com o desaparecimento do desventurado Xavier, em quem tinhamos um companheiro e a amizade nos deliciava e cujo talento nos enluteia nos olhos dos que nos distinguem com a sua sympathia e com os seus applausos.

Nós o choramos do'orosamente mas muito mais dolorosamente o pranteiam os pobres entesinhos que viviam do seu trabalho e dos affetos do seu generoso coração.

Juntei vocês estas quatro linhas ás homenagens que *O Pão* presta á memoria querida de adoravel rapaz, que ha tão pouco tempo conhecemos dependendo a tir os thesouros de sua alma bem formada e illuminada pelas fulgurações do talento.

WALDEIRO CAVALCANTE.

ANTONIO SALLES.

SABINO BAPTISTA

Xavier de Castro

Em meio da jornada, quando a patria ainda muito esperava de teu talento e teus companheiros agouravam a teu esto grandes triumphos na romaria das letras, morreste, Xavier, como o mais infimo dos viventes!

Cedo e muito cedo soou a tua hora fatal!

Mal sabiamos nós, que, aquelles dulcissimos versos, que recitavas em nossas reuniões, eram as derradeiras notas do canto do cygne as scintillações ultimas da luz, que bruscolea prestes a apagar-se!...

Nem tu te apercebias de teu proximo fim!...

Feliz que foste... Não chegaste a enfrentar a realidade, a ouvir o som lugubre da entrada do covete e nem persististe no banquete dos vermes!

Feliz que foste... Desconheste os aprestos da viagem para o desconho-

culo. Não tiveste tempo de medir a enormidade de tua desgraça deixando a vida ainda em meio! Quanto te sustenta a certeza da morte, quando sentas o coração cheio das illusões da mocidade e a existencia preza, embezada a este mundo de desenganos, mas onde deixavas umas circumstancias de quem eras paço e ficaym ainda tão tentas, orphãs de teu amor e de teu amparo! Talvez não te bastasse a coragem para esgotar esse calice, fosse preciso mais, o baluarte inexpugnável da Fé, e este, se o tuilhas, quem sabe se não te abandonaria?

Teus companheiros conservarão sempre de ti a mais geata memoria.

ROBERTO THEOPHILO.

(Mucos Securus)

AO XAVIER DE CASTRO

Morreste, irmão, e sobre o teu solitario tumulo de poeta somente os que te amam, os que te comprehendem, vão deixar cair as suadades brancas que a amizade entusiasmou a alma.

Pobre e querido irmão, — alma de selvagem e de bacalico, — ás paredes do teu sombrio e triste Campo Santo, certo, se desenharam nitidamente, photographicamente, as paisagens que escreveres tua incisiva penna de artista e de poeta. — os teus deliciosos *Chronos*, tão naturaes, tão bem observados, tão palpitantes de vida.

E a ti, isto te basta, na amargurada tristeza do tumulo.

Dorme e sonha, poeta: irmão, dorme.

ARTHUR THEOPHILO

(Lopo de Mendonça)

Sempre!

Acabo de olhar o mar. Estava de um verde magifico e intenso sobre que o sol do meio dia atravava, em catadupas, estranhas fulgurações de ouro.

O ar de um quente avermelhado parecia vibrar todo, alegre, como si por elle tivessem passado, em coro, trompas e mais trompas proclamando a victoria da luz sobre o azul. Em tudo, a nota rubra de uma alegria estonteante.

Mas, o que temisso com a morte do poeta? Não sei; sei apenas, que, alongando o olhar pelo amplo horizonte que se dilatava, via a mesma cousa, sempre!

Era a luz, de que foi feita a alma do delicioso cantor tão apaixonada e ardente.

Então, subitamente, tive a meus olhos todas as paisagens e quadros que a sua penna travessa descrevia com aquella precisão de tintas e harmonia de tons que o caracterisavam tanto.

Tudo se me fez presente, até mesmo o seu riso, alegre as vezes, as vezes sentido como as lagrimas das noivas ao se despedirem dos paes.

Hemlha sejas, o Naturoza, que tão fielmente retrataste a alma do poeta que viveira dentro em mim ab' que eu não via mais!

ROBERTO DE ALVARES

(Benjamim Feijó)

XAVIER DE CASTRO

*Dorme, poeta, o somno que não finda
O quieto e manso intermínio da morte,
Enquanto nós — miseráveis — vivida
Nos entremos no vigor da arte;*

*Enquanto nós, incertas e concadas
Continuamos a jornada longa
Da vida, e, já sem fôrça extenuados,
Vemos que além es'cada se prolonga.*

*Desta existencia a tortuosa estrada
Por onde vamos, de aqui marchando,
Tendulo a machada de praz, machada,
E a concada no peito soluçando...*

ANTONIO DE CASTRO,

(Aurelio Sobhessá)

A Memoria do Xavier de Castro

A morte do Xavier de Castro foi para todos nos uma dolorosa surpresa.

Quem contemplava aquelle semblante placido e sereno, quem ouvia aquella voz lenta e branda, quem via aquelles olhos sempre enflorados num bondoso sorriso, não adivinharia que em breve o tenue fio daquella existencia seria quebrado tão bruscamente.

Viveu por muito tempo um tanto arredio do movimento litterario de nossa terra e seu nome só tornou-se mais conhecido e querido do publico depois que entrou para a *Padaria Espiritual*; o fez publicar no *Pão* os seus espirituosos *chronos*, que eram transcripts em quasi todos os jornaes do Brazil. Essa sagração prestada a seu nome, elle conquista-a pela pujança de sua intellectualidade.

Ninguem melhor do que elle comprehendia os sentimentos de nossa povo e tambem são bem poucos os que se apaixonam tanto pelas festas ruidosas em que o cobolo cearense faz vibrar nas cordas da viola todas as magoas pungentes que lhe dilaceram a alma.

Sua bizarra e travessa musa tinha prazer em partilhar das alegrias do povo e muitas vezes elle escreveu versos para serem cantados em noites de luar, ao som do queixoso violão, acompanhado de uma dulcissima flauta.

A morte levou-o no momento em que mais trabalhava pelas letras.

Ultimamente entrara num periodo de pasmosa productividade poetica, saindo daquella apathia em que se conservou por muito tempo, quasi vencido pela indifferença desse meio solitario para as letras e para as artes.

Felizmente depois de sua entrada para a *Padaria Espiritual* despertara do silencio em que vivia, e estimulado por todos nós que lhe admiravamos a espontaneidade do talento e a facilidade com que escrevia *chronos* engraçados, não mais abandonou a penna não quando foi arrebatado pela morte.

Descança em paz, querido confrade e amigo, enquanto nos viveremos perremente em luta aberta com essa sociedade para qual burguez dinheirero vale mais do que o poeta inspirado.

Maio — 1895.

FLAVES BEZERRA.

(FRIBOLINO CAVALENTO)

XAVIER DE CASTRO

É muito cedo ainda para se fazer um estudo acurado e consciencioso do poeta, cuja morte, nos seus companheiros de hontem, ainda sentimos, como uma triste, aspera e desoladora surpresa!

Essa tarefa, que requer a frieza d'uma analyse, nos a entregamos aos ventos futuros; e, quando, mais tarde, elles respigarem nos campos do Passado, acharão no poeta dos *Chromos* largos filões aureos da maior riqueza...

Xavier de Castro era um artista incerto; e na obscura modestia em que se abroquelara, mal dera pelo grande talento que possuia: — esse *saccharum* que faz dos *Chromos*, a mais doce, a mais pura e caracteristica criação dos poetas cearense; pois, n'este difficilissimo genero de composição d'arte, não foi excedido, e até mesmo egualado, por nenhum outro poeta brasileiro.

Em seus versos d'uma naturalidade espontanea, a gente pensa as vezes a alma dolente de João de Deus, e o lyrismo pessimista de Campaamor ou Barrina, os tres grandes trovadores da peninsula Iberica, cuja doçura, cuja ironia morbida, mudam a genero e a cantar pelo universo afóra, um hymno triumphal de apothose...

E como elles, o bardo dos *Chromos* fez d'alma popular a mundo de suas affeições, *as minas de Solomão*, nondo a sua vista segura de artista a extasiar-se ante o esplendor das riquezas infinitas; o lar festivo dos camponezes; um grupo de crianças rindo, na inconsciencia da pouca idade; uma velhinha tremula a rezar; um pedaco de ceu arrecamado de astros; e em estes o assumpto predilecto do trovador dos *Chromos*.

Era tão profunda a segurança com que pintava seis quadros, tão naturaes as cores das perspectivas debucadas que, ás vezes, chega a ser quasi um photographo consciencioso o paciente.

Pode-se dizer do poeta dos *Chromos* o que Araripe Junior diz de Gregorio de Mattos, relativamente a este agudissimo modo de ver e observar e dizer, que fez do debochado bardo do *Marinellas* a mais extranha e original creatura que trazido no verso as impressões concebidas objectiva ou subjectivamente...

Mas do nosso poeta para aquelle, que differença enorme! Xavier canta, e não offender a ninguém; ao passo que Mattos impertuna, briga e descompõe num estrevamento de bilis tal, que, certamente, ceyou a sua propria ruina, e, antes da positividade fazer a devida justiça, rendeu-lhe carreadas de desgostos, e as torturas flajelantes de prisões e exilios...

Essa mal definida, a personalidade do companheiro que perdemos, do nosso irmão tão cedo roulado a vida, ao caminho do lar que elle tanto amou, e, em cuja desolação, anda a gemer o archanjo da Saudade, tristemente, dolorosamente, como si nos armés funerosos que ressoam a partir sem d'aquella inspiração e de mil corações, onde choravam onde cantavam, promettiam, alegrias e as ilusões

res do nosso inditoso irmão, do pobre Xavier de Castro, que boijamos, cheios de respeito, de saudade e amor...

35.

LORES FILHO.

XAVIER DE CASTRO

Que os collegas que hoje vêm prestar a *O Pão* a devida homenagem à memoria do nosso Xavier de Castro, fallem do pujante talento, façam sentir ao publico que aquella alma aberta a todos os effluvios da poesia, a todas as inspirações ardentes e felizes sabia sintetisar e traduzir, toda graça e singeleza de nossos costumes; ou, porém, fallar exclusivamente da grandeza daquelle coração tão franco, e bom somente capaz de guardar o bem e o amor. Xavier de Castro, aquella alma superiormente retemperada pelo calor do talento, fugia um coração de criança.

Na convivencia intima de amigos os seus sentimentos transpareciam tão claramente que (si o posso dizer) chegavam a uma ingenuidade quasi infantil.

O poeta é assim.

Não podia occultar a quella affectividade que lhe borbulhava a alma, e, em um momento, provava involuntariamente suas affeições e suas amizades. Era um espirito que não tinha simbras. Não podia ser hypocrita.

Tão espontaneo como na lyra, era na vida privada, no lar, entre os amigos e collegas; sempre o amavel poeta, o pae affectuoso, o irmão dedicado e bom, o amigo sincero, verdadeiro e leal.

Basta-se ler uma poesia de Xavier de Castro para se reconhecer logo a doçura e suavidade d'aquelle espirito affectuoso e crente e de poeta.

Ninguém poderá afirmar que em seus primorosos *Chromos* não transpareça a simplicidade e singeleza de seus sentimentos.

Um coração de avô a cantar nostalgica e maviosamente.

Conheci-o quando, infelizmente, elle pairava, estava a poucos passos, do pavoroso abysmo da morte. Um misto de duvida e de certeza, um, que estranhou da consciencia a presenciar o perigo invadir-lhe a alma e nem por isso deixara de ser o mesmo. O cynico cantara as — *Dores intimas* — a borda do tumulo!

As ultimas vibrações de sua lyra foram uma sentida e magoada eoleixa, tão triste e tão profunda como o miludroso estado de sua alma prestes a se evolvar da materia.

Cantou e morreu!

Meu bom amigo! conheci-te muito pouco tempo para gosar de tua amizade, mas os poucos dias que convivi contigo, foram de sobra para conhecer a grandeza do teu coração e a bondade de tua alma. Partiste, e só deixas-te o pranto e a saudade, mas a amizade e a gratidão que te deixo não de nos unir sempre, eternamente, como since os amigos.

JOSE CARVALHO

(Correio Braziliense)

Augusto Xavier de Castro

Morreste como o flor que se esvaece de crumudo perfume, como astro que em noites estivas passo lastimado pela morte dorço!... Assim morreste!

Mas teu nome na terracoração de teus amigos, nos laelos litterarios desta terra gravou-se para sempre no laelos d'ouro.

Temos o coração tão ulcerado pelos dores, o espirito tão trabalhado pelas longas noites de vigílias, que suppunhamos não existir mais espaço vasto para nova ferida, nem qualificativo para nova dor.

E no entanto temos hoje o coração mais enlutado e a alma ainda mais profundamente dilacerada pela saudade do amigo que se fluiu, tão moço, quando tudo lhe presagiava longo estudo e a vida lhe corria em triumphos litterarios, a ouvir os applausos da victoria!

O malogrado moço era um forte pelo talento, que prodigamente gastava em pequenas composições litterarias que correm por ali em forma de balladas, modulas, recitativos, eugemetas e chromos, por todo o mundo e abocellos e cantidos aqui no Ceará em noites estivas, quando a lua nos envolve em seu alvincente lençol de prata.

Ornulo de familia pobre, mal poude Xavier de Castro aprender os rudimentos da lingua vernacula para logo trabalhar pela vida, entrando como collaborador para Secretaria do Governo, passando mais tarde por concurso a servir na Fazenda provincial, chegando pelo trabalho e de rectidão a attingir o lugar de Director da 2.ª secção da secretaria, cargo que desempenhou com proveito para os negocios publicos até a fatidica tarde do dia 30 de Abril, quando exhalou o ultimo suspiro de sua existencia trabalhosa e curta.

Do tracto urbano, suavemente alegre e communicativo era o fiado de physionomia franca e sympathica.

Na intimidade das palestras, nas sessões da *Palatinia*, os seus adoravos chromos inexgotaveis, as pilherias de sua fina agudeza, erão uma nota cheia de alacridade.

E fluar-se assim, o tão moço e tão côco para a patria e para a familia quem como elle parecia ter tanta fé na sua estrella, offuscada na vesperina sombra d'aquelle fúnebre dia!

E en que fui seu amigo e collega de repartição venho trazer-lhe no trigosimo dia de seu passamento a lagema de minha saudade, o tributo de meu devotamento; e sobre seu tumulo de por um raminho de *Weegst-mem-nich*, flor que mais particularmente elle preferia.

Bom noite amigo,

FRANCO FERRERRE DO VALLE

(Elevaço Bayceirão)

XAVIER DE CASTRO

Como é triste e doloroso o espectáculo que a morte todos os dias descortina ante nossos olhos, como aterroradora esta sentença fatal!

X. de Castro, o talentoso poeta, dos «Chronos», bem cedo ainda foi victima da terrível missão da implacável destruidora—a morte.

Morou ainda, quando era o acervo de innocentes e crianças que nelle encontravam os carinhos de um pai zeloso pelo seu futuro; quando era admirado pelos seus collegas que nos senectos aprofundiam o exemplo do funecio nario honrado e amigo dedicado; quando era uma das mais bellas esperanças da litteratura patria, pelos brillantes reflexos da intelligencia robusta e incansável que deixava transparecer nas suas admiráveis escriptas, e em que tomba na sepultura, e em elle desaparecem as esperanças, restando apenas uma saudade eterna que invade todos os corações.

O vulto sympathico do poeta desapareceu para sempre, é verdade, e verdade tristissima, porém o sol ainda depois de desaparecer, deixa após si um clarão, que colorando as nuvens do occidente, dissipa por algum tempo o negro véo da noite que pouco a pouco envolve a terra. Assim também o poeta desaparecendo no occaso do túmulo deixa no mundo as produções do seu talento fecundo que são outros tantos raios que dissipam, não por algum tempo e sim eternamente as trevas da noite do esquecimento que ameaçam envolver seu nome.

Assoando-me ao momento prouto de homenagem que os collegas de X. de Castro reallem hoje ao seu nome, curvo-me reverentemente ante seu túmulo, fazendo votis para que sua memoria seja ponderada no coração da mocidade, e para que a immar os seus altos predicados.

LAZARUS.

ADEUS!

(MAIS UMA HYPOTHESE) (I)

Adeus, irmão, adeus!...

É mais uma hypothese, cuja these era uma solução diversa d'aquellas já publicadas, porque ali tratava-se de novas bellas, que se despediam chorosas e tristes por entre confusão de bojes castos, a dar um adeus saudoso, entrecortado por uma interrupção natural, tratava-se do mãe afflicta, que vê expirar o filhinho innocente, futuro da sua existencia e consolo de sua alma, cingido-o com um abraço forte, quando a sua fronte gelada com lagrimas a dizer um adeus, arrancado de coração.

Tratava-se de uma mãe moribunda povera, pallida, que nos últimos lampejos da vida e em anexas extremas, agonizava, agonizava sem poder falar, acenando um adeus, que nala o coração confrango o espirito, adeus simbolisado a um olhar amarelado pelas lagrimas, ultima consolação do mundo...

(De X. o numero 12 de O Pão)

«Agora, trata-se da despedida de um irmão, que partiu para as regiões ethereas, para as paragens longinquas donde não mais voltar se pode!...

Morte! Não ves que a lagrima da orphandade, envolve eructuradas innocentes, e as priva de receber as caricias doces de pae?

Não ves um esposo a chorar, a chorar amargamente a perda do esposo amado, e se submergiu em ondas de prantos?...

E tu, oh spectador e barbaro, para que manegas tuas armas travesas, e arrebatas, do seio de uma familia, o seu traço feliz e alegre, e vales mais que tudo e necessario?

Alt natureza incoherente, que ornas mostras bellezas encantadoras, maravilhas inumeráveis, e ora nos apresentas quadros de amargura, e dor como o que acabamos de presenciar.

Mas a sereneta, que se bate contra a natureza impertinável, e vinda e confesse miseravelmente, atirando-se aos abyssos da cobardia, como um traço animal morto, e se esconde ao avistar o leão feroz, o abismo inavencível das florestas,...

E quando me lembro, que este irmão deixa de receber o beijo materno das formigas da *Pedraza*, onde a poesia, o canto, ea phantasia nos deleitam e nos fazem passar momentos divertidos; onde ao piano se executava o *Adios*—aquella musica singela, que eleva os nossos animos a paragens remotas e nos faz subir, sobre os pates florescentes das illusões; onde o violino chora, canta e ri, e chorando, cantando e rindo, faz vibrarem nossos nervos e agita os nossos corações; onde as plherias espirituosas saltam dos labios de todos, nros, claros raios, que a mão me tremem e se lambessem as polpebras, vendo que a companhia de X. de Castro é impossivel, e que elle deixa de receber os abraços e caricias da *Mãe Pedraza*. De seu coração era um verdadeiro coração do poeta, um raio de phantasia, suas ideias e bellezas lyricas, que se es andia alegremente escrevendo os *Chronos*, e manifestava-se triste, quando algum desgosto o opprimia dos véos. E o mesmo coração que tantas bellas poesias lhe inspirou, abrindo as suas valvulas, deixou escapar, em jorros abundantes, todo o sangue que alimentava a sua vida...

JOSE NAVA.

(De O Pão)

A morte do Xavier

Foi geralmente sentido, não só aqui, como fora do Estado, o passamento do nosso deventurado compunheiro.

A imprensa diaria desta capital noticiando o luctuoso acontecimento, expressou-se em palavras repressadas de magua, patenteadas as altas virtudes do proutendo morto.

«Ao fechar a folha de hontem fomos reprehendido com a triste noticia do fallecimento do nosso bom amigo Augusto Xavier de Castro, noticia que em algumas linhas transcricionas nos boletines, de O Pão, nos fez que a noticia

coração, em preseça da morte inesperada.

Desgraçadamente é verdade. O proutido poeta, cujo talento brillou nas paginas de quasi todos os organos do jornalismo carterse, por este ultimo decennio, deixou de viver hontem, as 4 horas da tarde, victima de um leão cardíaco, que o prostrara no leito hontem mesmo pela manhã, ja agonizante.

Esposo, filhos, irmãos e amigos cercados, e cheios de afflicta saudade e apellido para os recursos da sciencia de cada um momento, viram no fim de tudo, tudo cheio de inocente e de esperanças, chorado dos que o amam, com affecto carinhoso e sincero.

Augusto X. de Castro contava apenas 36 annos de idade. De familia pobreissima, apenas pôde receber parte na cultura intellectual, para conseguir-se a vida de empregado publico, e assim manter-se e ser útil aos seus.

Foi director de Secção Secretaria de Fazenda e Costa e parte do gozava de grande credito, estima e prestigio, conquistado, dia a dia, ao sentimento da justiça dos chefes e dos compunheiros de trabalho.

Poeta de raça, espontaneo, rico de inspiração, deixa de sua passagem a vida traço brillante, em numerosas e nobres produções de varios generos. Não deixa livros. No Brazil não se pôde escrever livros sem roubar a subsistencia da familia.

Jovem esposa, tres filhinhos de grande e firmes de quem era elle a Providencia, chorou para sempre a queda do morto, reduzido de um momento para outro, a viveza a orphandade e a penuria.

O salimento, e de se se levou, e a horas do dia e muito, foram os amigos que se encontraram para a triste honraria a sua derradeira morada.

Por a sua alma. Pesante aos que choram.

DA REPUBLICA

«A tarde de hontem entro o com um notia triste—a morte do Augusto Xavier de Castro, ou seja simplesmente o X. de Castro, dos *Chronos*.

O seu desapprimento impoeta e dadas perdas sensíveis—o amigo dedicado, e o chromista aforçado.

Encarando a primeira, os seus collegas devem experimentar uma grande tristeza e uma grande falta, por que de facto, Xavier quando quem serviu, no media sacrificios e nem achava obscuro.

Era compunheiro como poucos.

Como homem de letras, deixou a vacuo, no nosso meio litterario, e breves, do porque no genera ou que escreva, nunguem exceda-o.

X. de Castro succumbiu hontem, as 4 horas da tarde, em sua residência, rua da Praia n. 31.

Um morisma da orta levou-o no tumulo, quando para elle se avizava, todas as esperanças da esposa e dos filhinhos que agora mispritos e a sua vida e a sua.

A longos annos era suppreido de O Pão, e ultimamente occupava o cargo de director de Secção de Fazenda. Conta-se que um se apressou a morte.

O sahimento funebre teve lugar hoje, ás 8 horas da manhã, sendo regularmente concorrido por amigos, parentes e collegas de classe e da «Padaria Espiritual» da qual era brilhante ornamento.

Significando aqui o nosso pezar, apresentamos sinceras condolencias a seu irmão L. Xavier de Castro, sobrinho Manoel Xavier de Castro e mais membros da familia e collegas, do morto.»

(Do *Diario do Ceará.*)

O *Figurino*, jornal caricato que ha pouco appareceu na Fortaleza, consagrou a Xavier a primeira pagina do seu ultimo numero, trazendo um artigo escripto com lagrimas e em elevada linguagem.

Inumeras têm sido as notas de pezar que recebemos, trazendo nos nossos doridos corações a consolação de ser partilhada a nossa dor.

Do Pará telegrapham-nos o nosso presado confrade Carlos Victor o o dulçuroso poeta João de Deus do Rego. Belém, 5 de maio.

Padaria Espiritual.

Pezames.
Bandolim
João de Deus do Rego

A *Republica*, sympathica folha que se publica no visinho estado, tambem registrou o acontecimento com um punhado de palavras doces e sentidas.

A todos o nosso profundo agradecimento.

CHROMOS

(*Poesias de X. de Castro*)

Vão entrar para o prélo nestes dias, graças aos esforços da Padaria Espiritual, largamente auxiliada pelos collegos de repartição do mallogrado poeta e por seu particular amigo o illustre clinico Dr. João G. Studart, as poesias completas de A. X. de Castro.

Do trabalho de revisão acha-se encarregado o nosso confrade José Carlos Junior.

Os *Chromos*, a parte mais caracteristica e original da obra do nosso charo irmão, darão titulo ao livro, cujo producto servirá para mitigar a infeliz familia as agruras da viuvez e orphadade.

Prospectos acham-se á disposição dos subscriptores em todas as livrarias desta capital, e nos escriptorios d' *A Republica*, *Diario do Ceará*, e *O Pão*.

Creemos que o povo cearense não

perderá mais essa occasião de pôr em evidencia os seus sentimentos philantropicos e a estima que lhe mereceu o infeliz poeta.

CARTEIRA

O NOSSO ANIVERSARIO

Por coincidir com o 30.^o dia do passamento do nosso desventurado Xavier não nos é dado o prazer sinão a suprema alegria de festejar-o como deseja vamos.

Entanto, nisto não está dizer que não sentimos a par da tristeza de termos que cheio o coração, que alguma cousa estranha que se agita dentro em nós, semelhante a uma cascata de lagrimas — mixto de dor e risos.

E' que, por mais fundo que seja o golpe experimentado, resta sempre n'alma um canto, pequeno embora, onde trinam brancas aves ignotas...

Foi a 30 de maio de 1892.

Os pacatos e ignaros burguezes da formosa terra que os *prodes mares* beijam, descansavam ao fresco da noite, pelos cafés, e rodas de calçada os estomagos fartos e pezados.

Uns tiravam delicias a um ha vana; outros, os que faziam n' digestão em casa, liam as folhas do dia, mollemente em *chaises-longue*.

De quando em vez levantavam a cabeça estonteada e acompanhavam cheios de pasmus uma flecha que fendia o ar.

Havia movimento, agitação na rua...

—O' Pinto o que querem dizer aquellos foguêtes? pergunta um ao visinho.

—Homem, falar a verdade, eu não sei bem não; porém um meu sobrinho viu alli na rua Formosa unhas bandeiras...

Disseram a elle que era a fundação de uma padaria...

—Do João Octavio?

—Não. Si a memoria não falha, é de um tal Espiritual.

E o outro com ares de intelligencia: —Naturalmente é algum estrangeiro?!

—Vamos vêr a historia?

E sahiram a passos lentos, abotoando o collete.

E foi assim caros leitores, aos olhos de todos e por entre espantos e risos de desconfiança que fundamos a *Padaria Espiritual* cujo 30.º anniversario hoje passa.

O que ella tem sido sabem todos os que tratam letras nossa terra.

Si não temos merito, rifica-nos ao menos reservado o orgulho de haver creado uma sociedade mais ou menos nobre fora da chapa, tend por divisa—*Amor e Trabalho*—que é um incentivo para constantes luctas em prol das letras patrias

Commemorando o auspicioso acontecimento, «O Pão» sauda aos collegas e ás demais associações desejando a todos o mesmo que talvez lhe desejem —prosperidade e bonanças.

JULIO DE SERPA

Têm sido lutosos para nós estes ultimos dias.

O nosso illustre amigo dr. Justiniano de Serpa, director do *Diario do Ceará* acaba de soffrer um dolorosissimo golpe com a perda de seu filho mais velho Julio de Serpa, para quem a primavera da vida começara de despontar fumida de delicias e encantos.

A fatalidade tem destes caprichos.

Julio, que era um dos mais applicados e esperançosos alumnos do *Instituto de Humanidades*, succumbio á uma affecção pulmonar na manhã de 16 do fluente mez.

Achamos toscas de mais as nssas palavras para consolar o nosso desolado amigo no angustioso transe. Eis porque limitamo-nos a abraçá-lo fraternalmente consternados.

MISSAS

Tiveram lugar hontem ás 7 horas da manhã as missas que a *Padaria Espiritual* mandou celebrar em homenagem ao seu pranteado confrade X. de Castro.

Foi grande, como era de esperar a concurrencia de amigos e admiradores do inditoso poeta.

Após a tocante cerimonia, alguns companheiros de Xavier foram em romaria a seu tumulo, sobre o qual prantearam amargamente a ausencia eterna de tão bom amigo quanto esforçado *Padeiro*.

XAVIER DE CASTRO

* Morte? Volte pr'a terra o que era argilla
 * Alma — a Essencia de Deus, — corre, desfilu
 * P'ros regiões interminas dos Céos! *

X. de Castro

As lettras cearenses trojam luto
 Porque o X. de Castro, o grande culto
 (Inda parece um sonho!)
 Foi cruelmente á vida arrebatado
 No entanto julgo vel-o ao nosso lado
 Onde-o inda sapponho!...

Sapponho, sim, ouvir inda os seus cantos,
 Doces, tão doces como psalmos santos,
 Harmonicos, divinos!
 Triste illusão!... E' morto o poder antigo.
 Vi-o baixar ao ultimo juízo.
 Onde dobres de sinos!...

Obedeceu a vida á lei suprema
 E na patria enlutada de Iracema
 O cysne já não canta;
 Já não n'o inspira a luz, a brisa, a aurora,
 Já não se ouve sua voz sonora,
 Gelou-se-lhe a garganta!

Qual flor mimosa que ao sopro da mortada
 Para a terra pendida, desbotada,
 Do galho que a sustem;
 Assim o corpo seu enfraquecido,
 Para o tumulo pela dor ferido,
 Assim pendeu tambem!

Alma boa, sonhara mil venturas,
 Mas só desillusões, só amarguras
 No mundo elle encontrou;
 De soffrimentos foi a sua vida
 Na terra tão ingrata e tão querida
 Que seu genio illustrou.

Compre-lhe agora, á terra do seu berço,
 Resgatar essa falta e justo preço
 Votar ao seu cantor.
 — E tu, amigo, dedicado e crente,
 Vai gozar o repouso finalmente
 Na paz do Deus de amor.

Fortaleza—13—5—95.

J. B. DE SOUSA FORTI

Xavier de Castro

Valla common dos cemiterios tristes,
 Onde dormem os pobres e os mesquinhos
 E onde só medram cardos e os espinhos...
 Tu, para as almas fortes, não existes.

Nunca em teu seio gelido sentiste
 Um cranco a se extinguir; nem passarinhos
 Em teus cypristas construíram ninhos
 Nem cantar em seus ramos nunca ciscon.

Valla common! quando a fortuna ceja
 Um tumulo modesto, onde ajoelhados
 Choremos pelo irmão querido, neja.

Arranhamos sua alma nos teus baldoes
 E em nossos peitos fortes, entrelaçados
 Doumos-lhe ao tumulo ideal, de corações.

BRUNO DE SAOYA

Dôres intimas

(Uma das ultimas composições de Xavier de Castro)

Nunca poder fallar-te em meus amores !
 Nas manhãs de perfumes, ceus e noivos !...
 Nunca poder contar-te as minhas dôres,
 Tristes como os cyprestes ! como os goivos !

Ter que morrer te olhando e toda est'alma
 Sentir que ao coração vae-me fugindo...
 Têr que sorrir-te e olhar como si calma
 Fosse a vida, que a dôr vae consumindo...

Supplicio eterno ! Embora nos meus sonhos
 Veja-te noiva !... os labios ter risonhos,
 Salpicados de perolas, diamantes...

Sinto um a um feridos meus desejos...
 Ah ! não nasceram para nós os beijos !...
 Antes fossemos mortos !... Antes... Antes !...

Ceará—21 de Março de 1895.